

5. Considerações Finais

Ao longo deste trabalho buscamos valorizar a dimensão política que envolve o espaço dos trens urbanos fluminenses. Em meio às estratégias de controle lançadas pela Supervia, observou-se que os usuários buscam inventar suas próprias soluções e suas formas de administrar o conflito no interior do espaço.

Desde o século XIX registram-se os primeiros quebra-quebras, manifestações expressivas que onde os usuários demarcavam seus limites frente ao histórico de maus serviços prestados. A relação da cidade do Rio de Janeiro com o transporte ferroviário, circunscrevendo-o a regiões segregadas e a classes populares, deu-no uma configuração diferente de outros transportes, dotando-o de uma sociabilidade e de um uso do espaço público peculiares.

Diante das diferentes estratégias disciplinadoras lançadas pela Supervia: a hipertrofia do poder punitivo, o uso do aparato repressivo e a produção de subjetividades, vimos como estes dispositivos engendram uma correlação de forças desigual entre a concessionária e o usuário, que se convertem em formas de dominação, além de representarem justificativas para o descumprimento de obrigações por parte da empresa.

A superlotação, os atrasos e as avarias são os principais problemas vivenciados pelos usuários. Enquanto os trens urbanos continuarem a não garantir a qualidade de seu serviço e não conseguirem criar relações mais horizontais com os usuários, respeitando seus direitos, não se poderá garantir a população do Rio de Janeiro o direito à cidade.